

O "CRIOULO" DE CABO VERDE, O BILINGUISTO E A ESCRITA

Mesquitela Lima*

RESUMO: O crioulo como língua e os problemas da escrita numa situação caracterizada pelo bilinguismo na perspectiva do tempo e do espaço constituem-se em elementos desta análise em que se propõe a sua fixação através da escrita.

UNITERMOS: Cabo Verde. Crioulo. Bilinguismo.

0. – Nesta minha curta comunicação, não vou entrar em descrições nem explicações, como seria de desejar num Antropólogo, mas tão-somente levantar alguns problemas relacionados com o dito "crioulo" e com a situação de bilinguismo, problemas que me parecem pertinentes nesta fase de vida de Cabo Verde, surgida da colonização portuguesa.

1.- PRIMEIRO PROBLEMA

A designação "crioulo"

Embora o vocábulo seja bonito e a sua fonia agradável, devo confessar que sempre detestei o termo "crioulo" quando aplicado para caracterizar ou categorizar a *língua* falada em Cabo Verde. Nos meus trabalhos e conferências falo do denominado "crioulo" sempre em termos de língua. Muitos apelidam esta minha atitude de pouco científica, outros acham que se trata de excentricidade de cientista, alguns outros ainda a conotam com certos complexos de colonizado.

Todavia, mantive sempre a minha posição.

Através do que se segue, expondo as minhas razões:

*Do Departamento de Antropologia da Universidade Nova de Lisboa.

1.1. – Os linguistas costumam apresentar definições de "crioulo" que não diferem substancialmente. Vejamos, pelo menos, duas:

"Variedade regional de uma língua de civilização, nascida da aprendizagem dessa língua por autóctones que, tendo como linguagem própria falares de uma natureza totalmente diversa da aprendida, introduzem nela importantes alterações fonéticas e, principalmente, profundas modificações na estrutura morfológico-sintática (em especial, uma simplificação acentuada nas flexões, sempre que se trate de uma língua flexional)".¹

"Designam-se por *línguas crioulas*, ou mais simplesmente *crioulos*, os instrumentos de comunicação de carácter vocal exercida no âmbito de uma dupla articulação lingüística que resultaram da mútua interferência entre dois ou mais idiomas, um deles europeu e o outro ou outros não europeus, nomeadamente africanos ou asiáticos. Nasceram tais línguas das necessidades de comunicação experimentadas por indivíduos de diferentes proveniências lingüísticas subitamente postos em contacto uns com os outros".²

1.1. – Parece-me que, para além de um aspecto significativamente valorativo na primeira definição, que é o emprego da expressão "língua de civilização"³, ambas contêm todos os elementos que podem ser usados para a definição das línguas, por exemplo de tronco e de raiz latino-românicas. O processo histórico é o mesmo. Gostaria de saber como os Romanos baptizaram esses múltiplos falares que foram surgindo nos princípios do seu contacto e domínio europeu? Iguamente, e de passagem, gostaria de perguntar quando um linguajar desse tipo toma ou adquire estatuto de língua e muito particularmente de *língua de civilização*? Até hoje ninguém me soube responder satisfatoriamente. Por outro lado, não me parece que os "crioulos" sejam somente fenómenos ocasionados pelo "encontro" da Europa com a África ou com a Ásia. Não existiriam noutras latitudes, tais como nas Américas ou na Oceania? Mesmo nos continentes africano e asiático, não seriam factos antes do impacto ocidental?

(1) Enciclopédia Focus, II vol. p. 230.

(2) MORAIS-BARBOSA, Jorge, "Crioulos", Reedição de artigos publicados no Boletim Sociedade de Geografia de Lisboa, Introdução e notas de Jorge Morais-Barbosa, Lisboa 1967, Introdução (VII).

(3) Embora compreenda perfeitamente o emprego da expressão, é caso para perguntar: Que é isto de *língua de civilização*? Haverá línguas que o não sejam? Não seria melhor ter-se empregado a frase: *língua de domínio*?

1.2. – Em relação ao dito "crioulo de Cabo Verde", muitos autores tentaram explicações, mas parece-me que uma certa ambiguidade⁴ sempre prevaleceu nas tomadas de posição no referente ao seu estatuto, quer dizer, na definição da sua *identidade como língua* e na caracterização da sua *especificidade* relativamente aos troncos lingüísticos que lhe deram origem – o português e certas línguas da Costa da Guiné (no seu sentido lato).

Todos nós sabemos que o "crioulo" de Cabo Verde se formou devido a uma imposição cultural e política – derivou de uma situação do tipo colonial⁵. No momento do início da colonização, não existia no Arquipélago como *forma dialectal* específica, como aconteceu com outras zonas da África em que as línguas maternas constituíam entidades com vida própria, independente. O "crioulo" de Cabo Verde nasce de um processo sócio-cultural dinâmico e, certamente, nunca saberemos quando tomou *carta de alforria*, quer dizer, quando se *cristaliza* em modelos que lhe conferem o carácter de sistema independente dos troncos de origem, como presentemente sucede. Surgiu, modelou-se, terá passado certamente por uma fase de *pidjinização* e de *dialectização*, chegou onde chegou e manteve-se... Julgo que pode ser afirmado que se trata de um processo normal na formação de qualquer língua, por vários motivos:

- Tem-se mantido como *unidade independente*, quase que irreduzível senão a si mesma. Quer dizer: estruturou-se num sistema próprio;
- Presentemente, no que concerne às estruturas morfofonológicas e sintactico-semânticas, é pouco contaminado ou penetrado pelo português e pelas línguas africanas, línguas-mães que, de há muito, realizaram o seu trabalho;

(1) O próprio BALTAZAR LOPES DA SILVA denomina a sua obra "O dialecto crioulo de Cabo Verde". Contudo, deve ser sublinhado, que este autor não explicita claramente a sua opinião: umas vezes trata o crioulo por língua e outras por simples dialecto. Os passos a seguir transcritos são bem significativos:

"... o seu instrumento de comunicação está assim, de há séculos, integrado intimamente na sua personalidade regional, longe, portanto, do precário das *línguas de recurso*..." (pág. 38).

"Se a "gramática" dos povos "selvagens ou bárbaros" é que constitui a ossatura dos crioulos, para os quais o Europeu apenas teria contribuído com subsídios vocabulares, não vejo porque razão eles não-de ser considerados dialectos das línguas europeias da civilização" (pág. 41).

(5) O mesmo *processus* originou as línguas neo-latinas.

- Trabalha, elabora e reduz quaisquer elementos de carácter exógeno, segundo as suas próprias regras;
- Não constitui uma variedade regional do português ou de certas línguas africanas;
- Vai penetrando e contaminando o português falado no Arquipélago;
- É um elemento fundamental (senão o mais essencial) de aprendizagem e integração sociais (refiro-me à inculturação ou endoculturação);
- Constitui o elemento cultural que mais *assume*, *fixa* e *significa* valores culturais cabo-verdianos, inculcando nos locutores sensibilidade plena relativamente a esses mesmos valores;
- De *língua de recurso*, *franca* ou *pidjin*, transformou-se em *língua de cultura* ou *étnica*.

Não vejo, por consequência, o motivo por que certos lingüistas ainda não tenham "outorgado" o estatuto de língua ao dito "crioulo" falado no Arquipélago, teimando em manter, em certa medida, a categoria de dialecto que me parece estar longe de corresponder à realidade cultural, tanto mais que, segundo os mesmos lingüistas, é a *estrutura* e não o *léxico* que tipifica uma língua. E ... parece-me, a estrutura do "crioulo" não é do tipo românico. De aí o facto de não concordar com o vocábulo que julgo ser uma expressão de uma época específica em que a Europa via e resolvia problemas pela sua óptica, classificando-os verbalmente com modelos extraídos da sua própria cultura, reflectindo, assim, um contexto de domínio e de imposição em todos os sectores do social. É certo que, presentemente, a expressão "dialectos crioulos" tem vindo a ser substituída por "línguas crioulas"⁶. Constitui uma evolução.

Mesmo assim, no meu entender, a expressão continua a conter algo de valorativo, algo de ideológico que contraria a atitude científica. Por conseguinte, parece-me, o uso do termo "crioulo", para designar (ou qualificar) a língua falada em Cabo Verde, terá de ser revisto e pensado à luz de toda uma trajectória histórica e de um quotidiano moderno, este, particularmente, em função da *produção* lingüística, não só a nível do indivíduo, mas também dos grupos.

(6) Cf. MORAIS-BARBOSA, ob. cit. e id. "A língua portuguesa no mundo". A.G.U., Lisboa, 1969, pág. 113.

Nestas circunstâncias, faço a seguinte pergunta: haverá, presentemente, motivos para se manter o vocábulo "crioulo" para *substantivar* a língua falada em Cabo Verde? A resposta é, a todos os títulos, óbvia. Se a expressão, quando foi aplicada ao linguajar de Cabo Verde, significava uma situação sócio-lingüística bem específica, com elementos estruturais de um determinado tipo, hoje, passados alguns séculos, a situação mudou radicalmente. Por outro lado (sublinhe-se), a interpretação do termo não é pacífica: toma, por exemplo, conotações e denotações bem diferentes nas Américas, particularmente no Brasil e nas Antilhas, onde, respectivamente, significa "homem negro nascido no país", "homem branco nascido no país" e os diversos *pidjins* do francês, inglês, espanhol e neerlandês. Se tudo isso não bastasse como argumentos convincentes, ainda há outro ponto que me parece de discutir. É quase regra geral o termo que significa uma língua, significar igualmente a *etnia* correspondente. Neste particular, a Europa constitui exemplo flagrante, embora nela haja algumas excepções. Na Ásia, na África e na América, o problema é algo diferente, visto existirem línguas generalizadas a grupos étnicos e não a etnias. Em relação ao Cabo-verdiano, como tipo étnico e cultural, pode dizer-se que ele é, presentemente, um caso isolado no contexto africano e europeu. Ele é simplesmente cabo-verdiano. Existe em todo Arquipélago um sentimento de *identidade cultural* extensivo mesmo à diáspora. Por conseguinte, a cultura cabo-verdiana, nos planos do conhecimento e do sistema de valores, é constituída por um conjunto de traços e de complexos que construíram uma *comunidade de memória* (quer dizer, com uma história), portadora daquilo que poderei denominar uma *cultura minimal* (que faz com que, hoje, seja uma *descontinuidade* relativamente a outras culturas que lhe deram o ser - possui os seus próprios conceitos, códigos e símbolos) e, ainda, com um *epónimo* que é manipulado pelo Cabo-verdiano tão frequentemente de forma majorativa. Parece-me que, Cabo Verde, não é mais do que uma *comunidade de aspirações* com uma ideologia irredutível a outro grupo vizinho e não vizinho, quer dizer, com uma consciência de grupo bem demarcada.

O termo "crioulo" neste contexto e tipo de prática social, parece não servir muito bem para caracterizar exclusivamente a etnia cabo-verdiana, não só porque em si mesmo não implica e significa unicamente a cultura de Cabo Verde (vide as diferentes conotações e denotações do vocábulo citadas atrás), mas também porque a vitalidade e perso-

nalidade peculiares desta língua têm feito com que, num outro espaço geográfico e sócio-cultural – a Guiné – esteja servindo como língua-mãe, de *língua de recurso ou veicular* (ou de língua franca) ou esteja mesmo contribuindo para uma fase de *pidjinização* e onde, curiosamente, é designada pelo mesmo vocábulo. Será curial, então, denominar a língua falada em Cabo Verde por "crioulo" ou "língua crioula"?

Que alternativa se pode apresentar? Embora tendo a consciência de que o termo está muito enraizado no quotidiano cultural de Cabo Verde⁷, parece-me não ser estultícia propor que, em vez de *crioulo*, se dissesse muito simplesmente *cabo-verdiano*, aliás como se faz para o português, inglês, francês, jalofo, mandinga, etc.

Deixo o assunto à meditação dos filólogos, dos linguistas e dos fonólogos.

2.- SEGUNDO PROBLEMA

O bilinguismo e o problema da escrita

O instrumento primordial de comunicação verbal em Cabo Verde é a língua materna – o *cabo-verdiano*. Manda também a verdade dizer-se que nas camadas mais ilustradas pela instrução ou escolaridade, o português, como língua "aprendida", como língua segunda, é tão maneável como o cabo-verdiano, tomando a sua manipulação aspectos verdadeiramente sublimes que ultrapassam os limites do corrente.

Quanto ao uso do português existe o seguinte (evidentemente distribuído de uma maneira desigual por certos sectores da população):

- a) um português vernáculo (talvez *tipo*) falado e escrito por determinada camada da população (camada culta, freqüentemente mais sublimado que em Portugal). Diria, talvez, mais sofisticado ou mais rebuscado;
- b) um português regional (correcto) mas polvilhado de *modismos* ou *regionalismos*, com uma entoação própria. Também falado por determinada camada, mas menos sofisticado;

(7) Particularmente em determinadas situações de diáspora, o vocábulo é empregado para significar que alguém é cabo-verdiano.

- c) um português, digamos à *cabo-verdiana*, muito rudimentar, falado por camadas populares em determinados momentos, particularmente os solenes⁸.

Quanto ao cabo-verdiano, todos o falam e, hoje, julgo que com mais abertura e menos complexos do que na situação colonial anterior. É sabido que dentro do regime colonial, uma boa dose de Cabo-verdianos marginalizavam a sua língua materna a favor do português. Compreende-se perfeitamente uma tal atitude se pensarmos que as situações coloniais geram complexos dos mais complexos.

Portanto, é fora de dúvidas que em Cabo Verde existe o fenómeno do bilinguismo⁹, mas parece-me que este bilinguismo não afecta globalmente a sociedade cabo-verdiana: nem todos os Cabo-verdianos falam o português, embora o possa compreender. Sublinhe-se contudo: parece tratar-se de um bilinguismo especial, talvez *sui generis*, que nada tem a ver com outros casos de bilinguismo africanos. O fenómeno, como se sabe, é caracterizado por uma situação de contacto de duas ou mais culturas, estando uma delas sempre numa posição de dependência, seja do tipo colonial ou outra. O chamado "crioulo" de Cabo Verde nasce de um fenómeno de contacto cultural, com todas as características de imposição de uma língua de domínio, mas depois de se ter tornado *adulto* em relação aos troncos lingüísticos que lhe deram origem, soube manter a sua personalidade de tal maneira que, os seus *redutos*, criados a partir do português e de algumas línguas africanas, nunca chegaram a ser *destruídos* nem *absorvidos* pela mesma língua de domínio. Antes pelo contrário: temos de pensar que, a partir de um determinado período, o português, para sobreviver, adaptava-se. Isto acontece relativamente a determinados grupos que possuem o seu *sociolecto* (do português) e a determinados locutores que empregam, da mesma maneira, *idiolectos* característicos. A personalidade do "crioulo" é tão forte que medidas de carácter legislativo ou administrativo do antigo regime colonial tendentes a proibir a sua prática, especialmente nos estabelecimentos de ensino, pouca significância tiveram. Os Cabo-verdianos continuaram a falar a sua língua materna e a expressar-se em português quando muito bem entendiam e fosse necessário. Isto só pode abonar a favor da afirmação que,

(8) Quanto a este último tipo de português, parece-me que seria mais corrente antes da independência.

(9) Deixo aos especialistas o estudo lexical, fonológico ou gramatical e, ainda, que respondam às seguintes perguntas: que tipo de bilinguismo existe em Cabo Verde? Perfeito ou imperfeito? Diglossia?

as duas línguas, a partir de um determinado momento histórico, deixaram de estar em *conflito* ou *tensão*, como não acontece com outras situações de bilinguismo, particularmente em África. Pode mesmo dizer-se que, se existe conflito ou tensão, serão fenómenos muito discretos que pouco afectam a personalidade das duas línguas como entidades bem individualizadas. O que me parece hoje existir, para além das *zonas de clivagem* bem conhecidas, é uma sorte de *entrosamento* característico que merece a pena estudar porquanto, presentemente, se põe o problema do ensino do português como língua veicular oficial, ensino esse que não pode ser ministrado como nos tempos coloniais: tem de, forçosamente, passar pela língua materna, vernácula. Eis, quanto a mim, o grande e quão complexo problema da actualidade, sabido que nunca houve possibilidade do ensino do "crioulo" como língua de cultura. Julgo que o ensino da língua materna, como instrumento de alfabetização, não impedirá a aprendizagem da língua oficial, antes deve acelerar essa aprendizagem. A História, em momentos de tensão e em alguns pontos da África, provou o que estou a afirmar. E não me parece que, nos dias que decorrem, possam surgir obstáculos psico-sociais, visto a língua portuguesa não constituir um instrumento de domínio¹⁰. Seria um acto de anti ou de lesa-cultura, não alfabetizar a criança cabo-verdiana na sua língua vernácula. É a atitude, aliás, recomendada pelas organizações internacionais especializadas.

2.1. - A par de um pequeno grupo de especialistas, geralmente, todo o Cabo-verdiano sabe o "crioulo" empiricamente. Por outro lado, o "crioulo" continua como meio de comunicação oral privilegiado, por conseguinte, um instrumento de comunicação popular directo. Falta-lhe, porém, a fixação pela escrita que se torna imprescindível no âmbito do ensino. Poder-se-á, então, levantar uma questão dentro desta óptica: qual o sistema de significantes ou mesmo quais serão os significantes, que poderão representar certos redutos referenciais do "crioulo", condensados em "expressões orais", que constituem paradigmas ou mesmo aspectos paradigmáticos próprios, peculiares, da cultura cabo-verdiana? Acho que não será difícil encontrar um sistema de escrita para o "crioulo", dado não só as suas semelhanças le-

(10) Deve acentuar-se que a língua portuguesa em Cabo Verde, pelo menos a partir de uma determinada época de difícil senão impossível datação, nunca constituiu uma língua de domínio efectivo total. Foi talvez um instrumento de domínio administrativo-político.

xicais com o português (o que deve facilitar o problema), mas também pelo facto de existirem já tentativas levadas a cabo no século passado e neste século, que poderão constituir bases de partida. Contudo, surge uma dificuldade que se terá de ultrapassar. Não existe um só "crioulo" e, por forma alguma, penso que se vá tentar generalizar *n* formas obrigatórias de expressão escrita. A insularidade provocou o desenvolvimento de linguajares regionais-insulares ou de formas dialectais, umas mais afastadas do que outras das línguas-mães - o português e algumas das línguas africanas. Tendo em atenção que todo Cabo-verdiano entende esses linguajares sem porém os falar bem, parece-me que uma primeira atitude a adoptar no sentido de uma possível *domesticação do "crioulo" pela escrita*, seria o entre os vários dialectos regionais, encontrar-se um que revestisse *aspectos de globalidade* na cultura cabo-verdiana, não só no âmbito das estruturas morfofonológicas mas também no plano sintático-semântico. Não me compete a mim apontar o caminho a seguir, mas a minha intuição antropológica diz-me que devemos procurar a via, em primeiro lugar, talvez nos dialectos de Sotavento, muito particularmente no *badio*, até porque a população desse conjunto de ilhas constitui, praticamente, a maioria demográfica absoluta do todo cabo-verdiano. Finalmente, julgo, que se deve começar a pensar na estratégia a adoptar para fazer sair a língua cabo-verdiana da sua oralidade secular, pois veicula, de maneira perfeita, a cultura de Cabo Verde que é fundamentalmente oral. A domesticação do "crioulo" pela oralidade está há muito tempo realizada, não necessita de prova, é um dado dos quotidianos cabo-verdianos: o que interessa, neste momento, é a sua fixação através da escrita. Sem isso, tudo o que se possa dizer ou fazer, redundará, por certo, numa imagem de identidade cultural imperfeita.

ABSTRACT: The Criole as language and the problems of writing in a situation characterized by bilingualism in a perspective of time and space constitute the elements of this analysis in which it proposes its solidification through the writing.